

2621

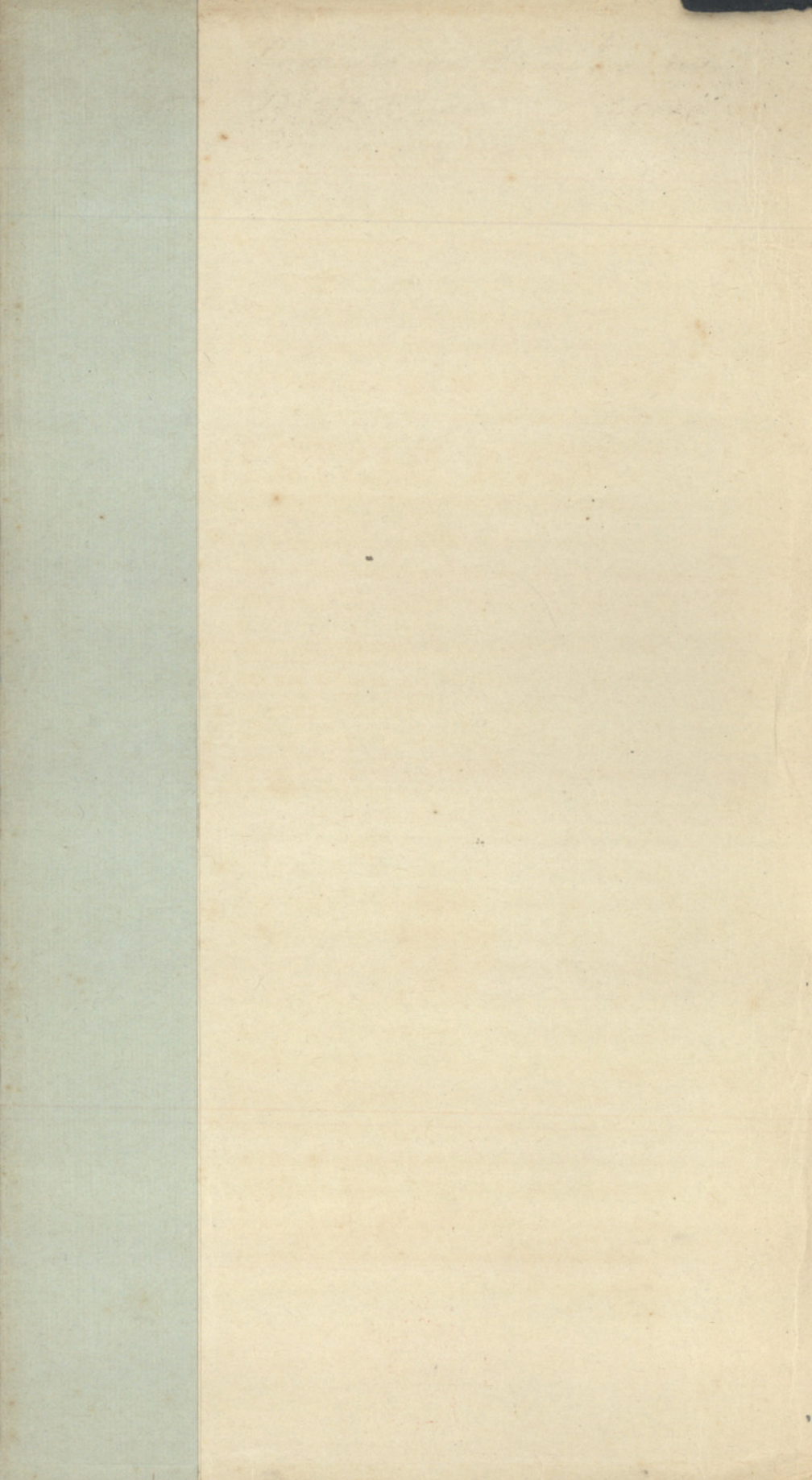
RICARDO SEVERO

A VELHA E A  
NOVA BASTILHA

CONFERENCIA REALISADA  
NA SESSÃO SOLEMNE DO  
CENTRO REPUBLICANO  
PORTUGUEZ, DE SANTOS,  
DE 14 DE JULHO DE 1918



PUBLICADA PELO  
CENTRO REPUBLICANO PORTUGUEZ DE SANTOS  
A FAVOR DA  
SOC. PORTUGUEZA DA CRUZ VERMELHA





Ao Taurus de Lima  
lembrança amigã  
de RICARDO SEVERO

Santos 16. VII. 1918

A VELHA E A  
NOVA BASTILHA

CONFERENCIA REALISADA  
NA SESSÃO SOLEMNE DO  
CENTRO REPUBLICANO  
PORTUGUEZ, DE SANTOS,  
DE 14 DE JULHO DE 1918



PUBLICADA PELO  
CENTRO REPUBLICANO PORTUGUEZ DE SANTOS  
A FAVOR DA  
SOC. PORTUGUEZA DA CRUZ VERMELHA.



COMPRA

50/150

R. 182099



O Centro Republicano Portuguez de Santos, commemorando hoje o anniversario da sua fundação, solememente festeja uma das datas mais gloriosas da historia da humanidade. Deste grande dia da nação franceza, que dista de nós pouco mais d'um seculo, proveio o triumpho da Democracia. A Republica Portugueza tem ahi tambem as suas primeiras origens politicas. O grande dia francez é tambem o nosso.



SOL da liberdade explodiu em uma radiante aurora de rubras rutilancias, e os seus raios de faiscante claridade illumináram todo o mundo, penetrando nas mais reconditas obscuridades da terra. Ahi, até entre as primitivas e selvaticas massas da humanidade, uma nova vida despertou os elementos estaticos ou indifferentes, e um novo espirito surgiu, evoluindo na luminosidade desta resplandecente aurora, abrindo ao deslumbramento dos homens o paraizo ideal da liberdade, da egualdade e da fraternidade.





Astro bemdito, cuja luz illumina a essencia espiritual da nossa vida organica, cuja chama fecundante cria e alimenta os ideaes de absoluta justiça, de suprema bondade, que são a alma da nossa vida social!

Hoje, todos nos voltamos para a França, que justa é ao *Oriente* do nosso horisonte, onde todos os dias desponta o Sol, fonte eterna da vida universal. Saudando o nascer radiante do dia, de face para esse altar de phantasticas resplandecencias, saudamos a heroica nação franceza, martyr beatificada da liberdade humana.

Gloria eterna ao povo de França!



Não vou relatar-vos a revolução franceza que abalou as sociedades de todo o mundo, cujo impulso lançou por terra os mais elevados thrônos da autocracia e do despotismo; e não vos narrarei como se passou a épica façanha da *Tomada da Bastilha*, essa fortaleza inexpugnável, na qual imperou, durante seculos, a politica da mais absoluta tyrannia. Accentuarei, tão sómente, que a obra ingente do povo francez, destruindo as formidaveis muralhas daquella prisão, rasgando o ventre do gigantesco monstro de pedra, não se limitou a soltar algumas victimas aprisionadas nos seus antros infectos, mas deu plena liberdade ao pensamento, á conscien-

cia dos homens de todas as nações; de seu nascimento á nova Era da Democracia, que abrange toda a humanidade.

E não entro em minucias de narrativa, porque urge, neste dia de fraternal solemnidade, que chame toda a vossa attenção para factos deste momento, que reclamam a alliança de todos os homens: para uma acção unida em defesa dos seus mais sagrados direitos, para um energico e decisivo ataque contra o inimigo commum da liberdade dos povos, da independencia das nacionalidades.

Em Paris, a cidade-luz, cerebro genial do mundo latino, destruiu-se por completo essa montanha penhascosa que era a *Velha Bastilha*; e os blocos da sua ossadura de pedra roláram na estrepitosa derrocada, como em um cataclismo de terror, despenhando-se no mar rubro, de sangue, ainda fumegante, derramado pelas victimas desse feito prodigioso de martyrio e de redempção.

Emquanto isto se passava, porém, em outro paiz extranho, um outro povo ainda barbaro, em cujo cerebro não haviam penetrado os raios benéficos do sol libertador, começou com a paciente disciplina de escravo a construir uma immensa e *Nova Bastilha*. Para isso procurou os maiores blocos, jamais vistos nas móles cyclicas dos tempos mythologicos; e argamassou-os com cimentos feitos de ardilosas insidias, das mais asquerosas peçonhas dos vicios humanos; levou o requinte ao ponto de rejuntá-los com elementos da Velha Bastilha, tintos ainda do san-

gue de nossos irmãos, attestando (como uma marca do artifice) o sacrificio de vidas que representam as conquistas da civilização latina. Do nosso progresso, do talento, do engenho que o gerou, aproveitou tudo quanto pode para a technica da sua obra colossal; pôz ao seu serviço as mais notaveis descobertas das artes, sciencias e industrias latinas. E rodeou essa fortaleza com uma enorme muralha, mais longa e resistente do que a celebre muralha do velho Imperio chinez. Em seguida, guarneceu-a com incalculaveis canhões, metralhadoras, armas de todos os tamanhos, calibres e feitios, podendo disparar monstruosos obuzes a distancias nunca vistas, podendo cobrir o ar e o solo da mais cerrada e mortifera metralha; povoou as zonas circumdantes de compactos exercitos, com milhões de homens poderosamente equipados, transformados, á força da mais despotica disciplina militar, em possantes machinas de guerra de exemplar automatismo; protegeu esse immenso campo, tão extenso como um vastissimo paiz, com emmaranhado labyrintho] de profundas trincheiras subterraneas; e defendeu os ares com nuvens artificiaes de espessos vapores asphixiantes ou gazes venenosos, com chuvas e torrentes de liquidos inflammaveis; com gélidas athmospheras de morte. Ao final, desfraldou sobre o capacete de aço dessa colossal *Bastilha* o pavilhão das aguias negras, symbolo do dominio absoluto; e sobre elle fez voltejar aero-naves de todos os formatos, como meteóros infernaes, carregados



de explosivos. Feito o colosso, obra em que consumiu quasi um seculo e milhares de gerações de obreiros, ameaçou todo o mundo, e pretendeu aprisionar nessa colossal prisão toda a archi-secular civilização latina, as mais avançadas conquistas do pensamento humano, o direito, a justiça, a liberdade dos outros homens, dos outros povos, das outras nações.

Esse paiz extranho é a Prussia, esse povo barbaro é o Allemão.

E eis a *Nova Bastilha*, que espera, de fauces hiantes, de cavernosos carcerez impenetraveis, a derrota definitiva das nacionalidades latinas!

O povo de Paris demoliu o carcere da Democracia; o povo allemão levantou-o de novo, em proporções taes, que ameaça o resto da humanidade.

Para dismantelar o colosso foram-se dispondo varias nações, forçadas pela defesa urgente da propria existencia; entre ellas estamos nós; e das menores dellas é a Portugueza.

E' este facto da mais crúa actualidade, que cumpre pôr-vos em evidencia neste dia em que se celebra a queda da primeira Bastilha, que foi um glorioso triumpho, não apenas do povo francez, mas de todos os povos.

Com effeito, se não fôr implacavelmente destruida a Bastilha Allemã, resultará inutil toda a obra de progresso e de civilização do seculo decorrido. Do sanguineo mar de terror em que se afundáram as ruinas da Bastilha Franceza, resurgem, como almas penandas, as imagens santas dos antepassados,

dos martyres do nosso progresso, que nos apontam, imperturbaveis, o caminho do dever e do sacrificio, que é a orientação da victoria decisiva, o rumo do pleno triumpho; e ameaçam-nos com o ferrête da mais degra-dante ignominia, se hesitamos, se retrocedemos, se fômos derrotados.

A derrota não é sómente a morte de muitos póvos; é tambem a aviltante escravidão de muitos outros.

Sim; a *escravidão!*

E' doloroso pronunciar tal palavra no seculo XX! Mas, de facto, a Allemanha restabeleceu a escravatura branca, e restabeleceu-a pela força das armas. Calamitosa desgraça e imprevisito horror; todavia, facto verdadeiro da mais clara evidencial!

Tanto tempo se luctou para fazer desaparecer dentre os homens as relações de servidão: pela fusão e nivellamento das castas, pela educação moral e religiosa dos povos, pela união de fraternidade entre os homens, pelo respeito dos seus direitos naturaes, pela confirmação legal da sua liberdade. E esta lucta, que vem desde remotos tempos até hoje, tem já um vasto cemiterio de victimas, um grandioso pantheon de heroes e de martyres; tem immensos templos com seus cultos e rituaes; é uma religião

Procurou-se levar esta cruzada até aos reconditos sertões dos vastos continentes, em que demóram os povos mais selvagens. Lavráram-se tratados, dictáram-se leis, que garantiam a qualquer homem, de qualquer raça,



o direito á vida no meio livre da natureza que o creou. O allemão acompanhou tambem, mas hypocritamente, esta cruzada da mais alta moral humana; assignou os tratados, confirmou as leis; não tardou, porém, que rasgasse o papel dos tratados e desrespeitasse as leis.

Elle só, e unico, é a Lei.

Sabemos nós, os portuguezes, o que elle tem feito por Africa com o seu systema de humanitaria colonisação *manu militari*. E' por esta forma que pretende ensinar aos povos a sua *Kultur*; *Cultura allemã* se denomina, especificadamente, para a distinguir da nossa cultura e civilisação; aquella condensa-se no dogma intangivel da superioridade do povo allemão, por consequencia no fatal e necessario anniquillamento de todos os demais povos, que lhe são indiscutivelmente inferiores, sejam elles brancos, pretos ou amarellos; só ao povo allemão cabe a posse e o dominio exclusivo dos mais paizes do mundo; elle é o unico senhor, por direito divino! Insisto neste aspecto clamoroso do inclassificavel crime allemão, porque bradam aos céus os actos da mais cruel escravatura, commettidos nas terras assoladas da Belgica e da França.

Os allemães restabelecem a escravidão dos seus semelhantes, aprisionando as indefensaveis e pacificas populações civis, e reduzindo-as pela força ao mais martyrisante e barbaro captiveiro. Repetem em terras da velha

e culta Europa as scenas mais degradantes dos tempos da escravidão negra!

São estes captivos os primeiros habitantes da colossal bastilha germanica. E estes factos accumulam-se, cada vez mais numerosos e expressivos; para os colleccionar basta fixar os jornaes de todos os dias da guerra.

Basta ouvir os depoimentos dos prisioneiros de guerra, para os quaes ha, entretanto, leis internacionaes de convencional humanitarismo.

Estas leis não existem para os allemães; e os máus tractos, os supplicios infligidos a estes prisioneiros, ultrapassam, em excessos de crueldade, os mais pavorosos martyrios das officinas infernaes da catholica Inquisição.

Habitações modestas de simples lavradores são invadidas; tudo saqueado, as mulheres violadas ou mortas, as creanças mutiladas ou abandonadas, os homens fusilados, aprisionados ou obrigados a trabalhar em rebanho, sob o azurrague do commando, nas obras de defeza dos inimigos ou de ataque aos proprios amigos e irmãos. Debalde têm clamado, em gritos lancinantes: as creancinhas pelas mães que lhes tiráram, as mães pelos filhos e esposos roubados, os paes pelo lar conspurcado e destruido; debalde clamam as victimas contra a crueldade desta raça maldita que veio ao mundo para sementar a desgraça, a destruição, a morte. Não escutam estes gritos os allemães, no seu inclemente orgulho da mais bestial arrogancia; mas escuta-os e sente-os, dolorosamente com-



movida, a alma dos outros povos que não são allemães; escuta-os a Historia, superiormente calma e justiceira.

O prussiano disfructará a satanica gloria, gosará a jactanciosa vaidade, de haver lavado no livro da historia, com o sangue e as lagrimas de todas as suas innocentes victimas, o mais inapagavel labéu de maldição, que tem pezado sobre uma nação. E esta maldição, votada com implacavel justiça pelo resto da humanidade—que é a maior parte e a melhor—será o funereo espectro que eternamente perturbará o insatisfeito orgulho da casta militar da Allemanha.

Ainda os jornaes de hontem se referiam nos seus telegrammas á oppressão allemã na Esthonia. Não obstante o tratado de paz de Brest-Litowsky, a occupação allemã deste territorio ultrapassa a mais feroz dictadura militar. Foram desarmadas as forças esthonianas, tomado o governo e a administração publica, imposta a lingua allemã como afficial, quando no paiz apenas 2 % da população são de allemães; foi germanizado todo o ensino, suprimida a liberdade de imprensa, aprisionados todos os que protestaram, e aprehendidos todos os viveres, deixando morrer á fome a população, enquanto os soldados allemães têm sobras de ração para remetter para a Allemanha. Que representa tudo isto senão a mais criminosa escravatura?

Porventura poderá qualquer outro povo quedar-se neutro ou indifferente perante uma

tal série de crimes, que lesam os principios basilares da moral humana e das nações? Bem se diz que "Deus escreve direito por linhas tortas". Esta calamidade, que cada dia vae atormentando maior numero de povos, fez descobrir o delirio do pan-germanismo, evidenciar o verdadeiro e perigoso Mal allemão, desmascarar a civilisação e a cultura da Grande-Allemanha.

Ahi tendes a Nova Bastilha, soerguida entre apparencias de progresso, mas occultando o mais primitivo estado de barbarie. A cultura germanica está muito para além da revolução franceza que hoje commemoramos; dista muito de nós pelo seu fundo moral. As suas exterioridades constituem um leve verniz, tomado da civilisação latina; o fundo allemão está ainda no periodo prehistorico do trogloditismo, da bestialidade, da antropophagia. Não se comprehendem por outra forma as barbaridades extra-humanas dos atacantes allemães, as theses dos seus homens de sabedoria, as predicas dos seus ministros religiosos, as arengas do seu Kaiser. São encarnações vivas de almas de demónios! Nem doutra sorte poderão explicar-se.

A modelar disciplina allemã, a sabia organização allemã; o methodismo didatico da sua ordem social, até o absurdo socialismo do seu estado ultra-imperialista; tudo isto, com que se tem pretendido impôr aos miseros habitantes da terra a excelsa *cultura allemã*, não passa da mais retrogada servidão intellectual e moral; nada mais é do



que a escravidão absoluta dum povo; é a negativa formal da democracia, da liberdade individual, de todo o progresso humano.

Nas cellulas germinativas da constituição ethnica prussiana, em nada influiu a marcha progressiva da civilização humana.

As leis dynamicas da evolução e da selecção não regêram o desenvolvimento especifico da animalidade teutonica; predomináram apenas as leis estaticas da hereditariedade e da persistencia dos caractéres — dos caractéres raticos primitivos e basilares. Não ha allemães de eleição como organismos humanos; a *élite* teutonica é um artificio philosophico de moderna data, uma excepção, um producto physica e moralmente extra-allemão; e mesmo, em geral, anti-allemão.

O grito de guerra destes Hunos da modernidade é a hululante reivindicação da materia allemã; o impulso que move estes barbaros do seculo XX é constitucionalmente materialista. Querem um logar ao sol, onde caiba quanto allemão ha e venha a nascer; mas uma localidade folgada para a grossa corpulencia e tambem para quantos baixos instinctos e bestiaes appetites reclama esse corpo. “O nosso numero cresce, dizem elles, queremos comer consoante a nossa fome”.

Para onde é desterrado o ideal espirituallista da humanidade christã, o ideal de todas as artes, sciencias e religiões?

Este avanço de barbarismo só pode pro- vir do fundo materialista sobre que assenta a cultura allemã, propria de industriaes e

traficantes; elle é a base do seu absolutismo imperialista, da sua politica pan-germanista.

O proprio imperador confessa: "As potencias das trevas róem a medula do meu povo"!

Luminosa confissão esta, que pode esclarecer por completo o libello condemnatorio da invasão teutonica. Elles condemnam-se por espontanea confissão! Certo estou de que dentre o proprio povo allemão, a parte não militarista, não kaiserista, é victima do pan-germanismo official. Admittida a existencia desta parte, a victoria dos alliados será a sua libertação. Entre allemães ha tambem, ainda hoje, servos e escravos. O povo allemão collaborará na demolição da Bastilha prussiana.

Esta é a missão que compete a nós outros desta geração; e para a bem cumprir muito nos resta ainda que fazer.



Estou entre portuguezes, e não importa sahir agora do limitado campo em que nos encontramos.

O nosso paiz está tambem sob a ameaça da tyrannia allemã. Tivemos que comparar na guerra, ao lado da Entente; e já tem corrido abundantemente sangue de portuguezes pelas terras de França, em defesa dos altos ideaes da Democracia.



O exercito portuguez, que actualmente está nas linhas de batalha, representa, em relação ao pequeno paiz nosso, um sacrificio maximo, que vós estaes longe de poder avaliar.

Entretanto, esse sacrificio foi necessario para honra de Portugal, para fiel cumprimento dos nossos tratados, para defeza da integridade nacional. Formou-se o corpo expedicionario portuguez tão completo quanto possivel, com gente, armamentos, munições, mantimentos. Démos mais e melhor de que outros paizes maiores. E para bem nos mostrarmos, com garbo, valor e effectivo prestimo, empenhamos o que possuíamos. Envia-mos a flôr da nossa mocidade e procuramos armá-la dos mais completos recursos; haveria falhas em alguns serviços auxiliares, mas não houve faltas na energia que anima o nosso soldado; nenhum filho de Portugal negou as qualidades dos velhos luctadores lusitanos seus antepassados; todos têm dado a bem da causa por que se batem, pela honra e gloria da patria portugueza, o melhor do seu sangue.

Nas linhas de França, entre os grandes exercitos inglez e francez, o corpo portuguez tem desempenhado brilhantemente as mais arduas missões, deixando impressas numerosas paginas de heroismo na historia desta grandiosa campanha.

Sabem muito bem os francezes, e melhor o reconhecem os inglezes, que se deve á maravilhosa resistencia de 9 de Abril do

Corpo Portuguez, a salvação da zona que vae até Calais, ameaçada por um dos mais violentos e intempestivos choques da offensiva allemã. Se os portuguezes não se tivessem mantido com assombrosa tenacidade, a linha estaria definitivamente rôta e aberta á passagem da torrente invasora. Não houve ordem de retirada, não obstante a desproporção dos invasores; e, portanto, o portuguez permaneceu, indomavel, no seu posto; bateu-se corajosamente até esgotar por completo as munições; atirou-se por ultimo corpo a corpo, procurando, na raiva dos ultimos recursos, reter e domar o inimigo cada vez mais numeroso e mais bem armado; convencido da sua inferioridade, ainda não abandona o seu posto, e morre como um heróe. Mostrou de que fibra é a raça do velho montanhez lusitano, notavel pelas suas qualidades de nobreza, valentia e resistencia. E a estas superiores virtudes deveu a França a retenção do impeto allemão, dando tempo a que se formassem os necessarios reforços da rectaguarda. O corpo portuguez foi o tampão que obstou a penetração da possante caudal prussiana. Fazem-lhe esta honrosa justiça todos os jornaes alliados; a historia a glorificará.

Morreram alguns milheiros de portuguezes para gloria da patria, cujo nome ennobreceram e exalçaram com o seu heroico sacrificio. Muitos ficáram mal feridos e mutilados, outros desappareceram ou foram prisioneiros, e faltam cerca de 300 officiaes;

consta que os allemães, enraivecidos com tão energica resistencia, fusiláram no campo muitos delles.

Ahi tendes, portuguezes que me escutaes, quanto e que tamanho sacrificio tem merecido a patria a irmãos nossos. Permitti que vos interrogue com a mais rude e amiga franqueza; e peço-vos que me respondeis com a mão sobre a vossa consciencia: Neste meio que é hoje um paraizo, comparado ao da vida europeia, onde nada vos falta para viver — trabalho remunerado, abrigo, e farta ração de pão — tendes praticado a bem da vossa patria actos que se assemelhem a estes dos nossos soldados e irmãos de além-mar? Tende-vos sacrificado pela patria, na correspondencia dos nossos soldados, que dão a vida pela sua integridade, que é a do nosso lar familiar, do solo sagrado em que jazem os nossos maiores?

A vossa consciencia dir-vos-ha que, se algo tendes feito, nada é que se compare aos feitos dos nossos mais humildes heróes. Urge, porém, que algo mais façaes em prol da patria, e com o maximo de sacrificio; esta medida estará na consciencia de cada um, no valor e sinceridade do seu patriotismo.

Estou certo que nenhum dos portuguezes que me escuta, me responderá como um patriocio, que, allucinado pelo seu catholicismo, pelo seu monarchismo intransigente, vociferava contra esta campanha em que justamente se combate o povo allemão, que elle chama o povo salvador, mandado de Deus. Elle, esse portuguez da



peór casta, dizia que todos os nossos males provinham da alliança ingleza, que eram estes e os francezes os inimigos principaes da nossa patria e que a nossa participação na guerra era primeiro do que tudo a nossa derrota material e moral, a perda completa da nossa independencia e do nosso mundo colonial. Perdida era a Patria; portanto, nada tinha que dar-lhe.

E' este um bem triste symptoma, que cito para vos prevenir; e porque em alguns gremios de politica reaccionaria se defende uma tal these. Devo tambem declarar-vos que são rarissimos estes exemplares, por nossa boa sorte; recomendo-os, porém, ao vosso patriotismo, como elementos cuja influencia (embora limitada) cumpre annullar por todos os meios. Estes, e os que nos jornaes allemães, e por paga, mantêm uma secção portugueza com o unico fito de mal-dizer a patria e a colonia, são elementos perniciosos da mais ruim especie.

Não se póde, em caso algum admitir o germanophilismo de um portuguez. Só pode ser germanophilo um renegado ou um judas. Perdoae-me este parenthesis.

A colonia tem creações de benemerencia, pretextadas pelo estado de guerra, e que manifestam a sua generosidade. Não se trata porém, de philantropicas manifestações de generosidade, mas de provas de abnegação e de sacrificio. Em pouco aqui sois molestados, com a campanha dos portuguezes nas Africa e na Europa; não pezam sobre vós duros impostos de guerra, não estaes mobilizados, e estaes longe do quadro triste de miseria e de desgraça que é um paiz em pleno estado de guerra.

Merece, pois, um grande sacrificio, esta differença de situação entre portuguezes d'áquem e d'álem-mar.



Ha dias dizia em S. Paulo um distincto official portuguez que vem a nós em missão especial da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha: "Nós outros nas linhas de batalha damos o corpo e a propria vida combatendo pela honra e independencia da nossa patria; vós outros enviae-nos daqui, em dinheiro ou generos, auxilios para soccorros a feridos, para a salvação de muitas vidas de martyres nossos irmãos". E, fallando dos serviços da Cruz Vermelha, diz-nos que esta sociedade foi a primeira a montar um hospital de sangue, junto ao Corpo Expedicionario Portuguez, com enfermeiros portuguezes. Os nossos feridos eram anteriormente hospitalizados em casas inglezas ou francezas; foi nesse primeiro abarracamento hospitalar que o nosso soldado teve a quem pedir, na sua lingua, uma gotta de agua para mitigar os beiços resequidos pela febre, e teve quem, no mesmo idioma, o consolasse e lhe mino- rasse as dôres physicas e moraes. Podeis bem imaginar quanto isto vale como amparo moral. Ouvem-me algumas mães, e essas comprehenderão, com o seu carinhoso amôr, o que é ter um filho em taes leitos de ago-

nisante soffrimento. Lembrae-vos das outras mães e da gratidão que vos devem merecer as enfermeiras, mulheres como vós outras, que arriscam tambem a vida para ir junto dos vossos filhos levar-lhes as vossas palavras de conforto. Não são dignos de todo o auxilio estes actos de caridade e patriotismo?

Está justamente entre nós este official portuguez, representante da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha, o sr. Capitão João Paulo Freire. Dispensae-lhe o vosso mais carinhoso acolhimento, não só pelos seus dotes pessoaes, como pelos seus serviços á patria, e pela honrosa farda que o veste, e que vos representa os gloriosos corpos expedicionarios portuguezes, os quaes nos sertões d'Africa ou nas terras de França, cobrem-se de gloria, combatendo pela integridade do nosso territorio nacional e colonial, pela independencia e engrandecimento da nossa querida patria muito amada.

Elle pede para os soldados que cahem nas trincheiras, para a sua hospitalisação, para a sua cura, para lhes dar vida, saude, lenitivo aos seus soffrimentos, animo ás suas esperanças, coragem para completar a sua nobilissima missão de salvação da patria, á custa da propria vida. Essa farda é neste momento um symbolo. Vererae-a, respeitando perante ella os nossos heroes, dignos do vosso mais completo sacrificio, por amor delles, tal como elles fazem, por amor de vós.

Attentae em que nada vos estou pedindo. Lembro apenas deveres. Não vos faltam



caixas portuguezas de beneficencia em prol das victimas da guerra, ás quaes cumpre levar as mãos cheias dos vossos mais devotados sacrificios.

Fallei-vos da Bastilha Prussiana como um perigo de eminente gravidade, que nos cumpre destruir por amor da propria vida. Se não participamos, pois, das fileiras dos atacantes, cumpre-nos dar-lhes todo o auxilio de que somos capazes.

A nossa funcção, portanto, é dar.

Só assim nos podemos remir pela nossa abstenção, pela nossa ausencia. Só assim podemos patentear que temos presente a Patria, como a nossa mãe commum, e mostrar que somos irmãos de sangue desses que por ella se batem como heroes. E' necessario por todos os meios amparar-lhes a preciosa vida, que tão de boamente sacrificam no sacrosanto altar da Patria.

E se são attingidos, e cahem feridos de morte, não cumpre chorá-los, mas, venerá-los.



Quantos dos nossos mortos jazem em solo estrangeiro, em qualquer cemiterio anonymo, em campa rasa, sem uma lapide evocativa do ente que viveu, e ahi repousa no eterno somno!

Fica apenas immorredoura a sua memoria. E' essa que devemos conservar religiosamente.

De resto, o corpo á terra pertence; permanece a alma immortal que se expande pela alma do universo. O soldado que dá o sangue pela sua patria, dá-lhe a sua alma, a qual concorre para eternisar a alma-mater da patria; por ella se bateu, com amor, e pela sua salvação, para que ella viva e perdure.

As mães, as irmãs, as amantes, que olham chorosas as tumbas dos heroes, revêem a sua imagem, tal como no dia da partida, com o viço da mocidade, a vontade de regressar com gloria, a esperança feliz de viver; e as suas lagrimas perdem-se na profundeza indifferente da terra. Sobre estes tumulos, porém, vela a imagem espiritual da patria e engrinalda estas humildes campas com uma aureola de clarão divino, como a que corôa nos altares os santos da côrte celestial. Essa aureola resplandecente é a irradiação imponderavel das lagrimas da patria.

Emquanto houver portuguezes, promptos a morrer pela patria, não perecerá a patria portugueza.

Honra e gloria aos nossos mortos. Prestando-lhes o nosso mais fervoroso culto, cumprimos tambem um dever. Nesta cohesão, entre os que morrem e os que vivem, está a unidade da Patria. Prestemos a todos a nossa homenagem e devotemos a uns e outros o nosso mais fraternal amor. Não pode haver

mais reuniões de portuguezes em que deixe  
de cumprir-se esta cerimonia de culto aos  
Mortos; com piedosa veneração e de joelhos,  
porque elles morreram para o nosso Bem.

Por Portugal.

Pela Victoria dos Alliados.



50  
17570



COMPOSTO E IMPRESSO  
NO ESTABELECIMENTO TYPOGRAPHICO  
DE POCAI & COMP. — SÃO PAULO  
EM SETEMBRO  
DE 1918

